Jether, companheiro de muitas andanças, até hoje!

Beatriz Costa

Professora e pedagoga com experiência de trabalho em Educação Popular

As nossas andanças se cruzaram lá pelos idos de 1965, e desde então acertaram o passo. Eram tempos de ditadura. Jether trabalhava no Centro Ecumênico de Informação – CEI, que ocupava um conjunto de salas na Praia de Botafogo, 413. Foi ali que nos conhecemos, por intermédio de um amigo comum, e a partir daí o CEI tornou-se, para mim, um ponto de encontro muito precioso com pessoas que, de diferentes maneiras, buscavam colaborar na construção de um mundo melhor, de uma vida digna para todos.

O ecumenismo comprometido com a justiça social era a razão de ser do CEI e a linha-mestra de toda a sua atuação. As atividades eram diversas, entre elas um programa de Educação do qual participei mais.

Jether tinha um dom especial de convocar e incentivar as pessoas para, juntas, ele inclusive, criarem e realizarem atividades que correspondessem a indicações concretas da realidade de cada momento. Foi assim que nasceu esse programa de Educação.

Num primeiro momento, o trabalho voltou-se para a alfabetização de adultos na linha de Paulo Freire. Com a sua pedagogia da libertação, Paulo Freire era uma das grandes referências do CEI. Foram realizados diversos encontros nos quais a maioria dos participantes eram agentes de pastorais das igrejas cristãs, evangélicas e católica: padres e pastores, religiosos e religiosas, leigos e leigas. Aproximadamente cinquenta pessoas em cada encontro.

Mas de onde veio essa ideia? O que levou a tal iniciativa? Na preocupação constante de que a atuação do CEI significasse a realização concreta de um ecumenismo comprometido com a justiça social e a transformação da realidade, Jether percebeu que o interesse e a preocupação dessas pessoas num trabalho de alfabetização de jovens e adultos, para ir adiante, neces-

sitavam contar com algum *processo de formação*. Mais precisamente, um processo de formação que se pautasse na pedagogia de Paulo Freire – na época, interditado pela ditadura. O que, por sua vez, carecia de um vínculo institucional capaz de não despertar a atenção dos órgãos da repressão. E esse foi o começo: o CEI se dispôs a oferecer uma atuação neste sentido.

Os encontros, ou melhor, o *processo de formação*, não se resumia à técnica de alfabetização. Incluía também, ainda que em linhas gerais, uma análise e discussão da realidade, da sua dinâmica de opressão e exploração, dos modos de viver do povo a quem se queria alfabetizar. Criava-se um ambiente de liberdade e de confiança uns nos outros que era como uma fonte de água fresca no meio da selva de perseguições e temores que marcaram aquela época. Sobretudo depois do AI-5, em 1968.

Os encontros se tornaram o lugar onde todos se sentiam seguros para falar abertamente das injustiças, das opressões, dos medos e resistências. Os *processos de formação* eram simultaneamente espaços de grande fraternidade.

Fazendo parte da equipe desses *processos de formação*, eu trazia uma experiência de "educação popular" desenvolvida na Sociedade de Escolas Tele Radiofônicas – Seter: era um trabalho de alfabetização de jovens e adultos que, por meio de um sistema cativo de rádios e de uma rede de monitores locais, desenvolveu-se no início dos anos de 1960 nas mais diversas comunidades do Rio de Janeiro (então estado da Guanabara): favelas, bairros 'rurais', presídios, sanatórios. Conscientização para a participação na transformação social: este era o grande objetivo do nosso trabalho. Com o golpe militar de 1964, a Seter foi forçada a fechar as portas e a equipe viu-se obrigada a se dispersar indo empregar-se em outras áreas. Os caminhos para uma atuação no campo da "educação popular" teriam que ser outros... em fins de semana ou nas horas vagas deixadas pelo emprego conseguido.

Assim, o convite do Jether para participar em atividades daquele programa de Educação do CEI foi, para mim, muito valioso. Ainda mais que as outras pessoas convidadas por ele para compor o grupo encarregado do *processo de formação* traziam consigo uma das experiências mais ricas no campo da educação entre os movimentos populares. Alguns tinham trabalhado no Movimento de Educação de Base – MEB de Goiás até o golpe militar (1964); outros tinham uma grande militância no movimento estudantil. Eurípedes, mais conhecida carinhosamente como Filhinha, José

Peixoto, José Inácio Parente, Carlos Brandão, Zilá Borges, Diana Cunha, Paulo Cesar...

À medida que o CEI ampliou a sua participação em cursos e encontros pastorais promovidos ou organizados pelas igrejas cristãs, o seu programa de Educação desdobrou-se num outro momento. Isso foi por volta de 1968. O Concílio Vaticano II, a Conferência de Medellín, o crescimento da Teologia da Libertação e a expansão da sua convocação ao compromisso com os pobres marcaram profundamente a prática dos cristãos e suas atividades pastorais. O que, para o CEI, trouxe a necessidade de acrescentar novas dimensões ao *processo de formação*.

Como dizia o Jether, "se queremos trabalhar com o povo, temos que entender melhor a realidade do povo. E para isso, precisa-se de elementos teóricos. Não adianta falar só que a realidade é opressiva e injusta; igualmente importante é o 'como' entendê-la: é necessário um método de análise da realidade. É necessário aprimorar o ver-julgar-agir". Essa era a grande preocupação do Jether. Foi ela que o levou a impulsionar uma nova prioridade no programa de Educação do CEI: contribuir para o acesso dos agentes pastorais a um método dialético de análise da realidade que ajudasse a um entendimento maior do capitalismo e das suas estruturas de opressão e desigualdade social.

Foram muitos e diversos os grupos que solicitaram do CEI esse tipo de colaboração: dioceses, paróquias, institutos pastorais, grupos "informais", etc. Sempre com a devida discrição, indispensável na época.

O CEI, como participante de Igreja e Sociedade na América Latina – Isal e do Conselho Mundial de Igrejas, tinha também uma vasta rede de relacionamento na América Latina. E logo nos primeiros anos de 1970, à medida que vários grupos ecumênicos de diferentes países latino-americanos começaram a conhecer melhor os *processos de formação* do CEI, passaram a solicitar a sua colaboração em alguns dos seus encontros. Foi quando o Jether, então, formalizou melhor a proposta desses *processos* e o sentido do programa de Educação do CEI, instituindo-os como Programa de Educação para a Justiça Social.

O CEI foi convidado a colaborar em não sei quantos encontros latino-americanos: no Uruguai, no Peru, no Chile, na República Dominicana e no México, entre muitos outros. Neles, Jether, Carlos Brandão e Diana eram os principais participantes pelo CEI; ou seja, o território de atuação

do Programa Educação para a Justiça Social era a América Latina, e não só o Brasil.

É notável a força ecumênica do Jether. Ecumenismo para ele não é um discurso, é um *modo de ser* que se manifesta de várias formas, desde as relações mais pessoais até as práticas mais formalizadas. Não existe nele qualquer fundamentalismo: nem político, nem ideológico, nem religioso.

Creio que o ecumenismo gera – e é gerado por – essa postura de abertura à história, ao outro, ao sopro. Acho que nisso a Lucilia, sua esposa, tem uma grande cumplicidade: para os dois, o ecumenismo nasce de um profundo amor ao próximo, de um firme e inabalável compromisso com a justiça social. Um compromisso que, além do Programa de Educação para a Justiça Social, teve muitas outras dimensões. Entre todas, a dimensão de apoio aos perseguidos políticos que, na época, levou muitos de nós, conhecidos próximos e não tão próximos, a afirmar mais de uma vez: "Com o Jether podemos contar". A imagem que me vem à memória é a do Jether com uma pasta de couro debaixo do braço, andando pelas ruas da cidade, entrando num prédio, saindo dali a um tempo, entrando em outro, saindo daí a pouco, sempre tranquilamente, cumprindo responsabilidades que em geral valiam a liberdade de alguém.

Essa era apenas a face visível de um extenuante trabalho subterrâneo que salvou tanta gente da cadeia, das torturas e até da morte; que abrigou tantos outros; consolou e aconselhou inúmeros parentes e amigos dos perseguidos; organizou e acompanhou não poucos até o difícil embarque final para fora do país... Sem falar na missão de pombo-correio dentro e fora do País. Enfim, atividades todas essas que exigiam coragem, calma, paciência, humildade, isto é, as qualidades do seu temperamento que ele colocou a serviço dos "irmãos perseguidos". Durante os vinte anos da ditadura militar, sobretudo depois do AI-5, quando a repressão se abateu mais forte no País. De tudo isso, eu falo emocionada porque estou entre as muitas pessoas que contaram com a solidariedade ilimitada do Jether e da Lucilia.

Por volta de 1974, o CEI deu origem ao Centro Ecumênico de Documentação e Informação – Cedi, que levou adiante diversos trabalhos realizados até então pelo Programa de Educação para a Justiça Social do CEI, além de criar outros: pesquisas e assessorias com trabalhadores do campo e da cidade, seminários e estudos ecumênicos, publicações.

Eu não fiz parte do Cedi. Pouco antes, junto com outras pessoas que igualmente se propunham a contribuir para fortalecer a educação popular no País, fundamos o Nova – Pesquisa, Assessoria e Avaliação em Educação. Como se pode imaginar, entre o Cedi e o Nova logo se estabeleceram as mais estreitas relações de troca e apoio mútuo, sobretudo no que se refere a publicações.

Aí é que está: no trabalho do Jether, quer no CEI, quer depois no Cedi, quer mais tarde no Ceris, a atividade editorial foi uma das suas mais notáveis contribuições. A ela, Jether dedicou um redobrado esmero. Numa época em que eram muito poucas as revistas que abriam suas páginas às produções voltadas para os trabalhadores e os movimentos sociais, o *Cadernos do Cedi* teve importância ímpar. Não apenas como meio técnico de comunicação num tempo em que ninguém sonhava com computador nem internet: não podemos esquecer que mimeógrafos, máquinas de datilografia e fotocópia eram o máximo de que dispúnhamos para divulgar e colocar em debate nossas práticas e pontos de vista, daí a importância de um meio impresso. Mas, como dizia, além da relevância técnica, *Cadernos do Cedi* foi dos primeiros a oferecer espaço para que outros grupos e instituições congêneres publicassem suas produções. Os quatro primeiros artigos elaborados pelo Nova foram publicados no *Cadernos do Cedi*, com o maior apoio da equipe e um notável entusiasmo do Jether!

Jether, companheiro de muitas andanças. Essas e muitas mais, até hoje!

Jether, companheiro de muitas andanças, até hoje! | *Beatriz Costa*